

Novas dificuldades do amor em tempos de dissidência

Dupla coordenadora: Marita Hamann, Mercedes Iglesias

Integrantes: Javier Baca, Laura Benetti, Anna Lía Barandiarán, Angela Fischer, Carolina Forero, Fernanda Gómez de la Torre, Lorena Greñas, Luis Alberto López, Carlos Márquez, José Luis Obaid, María Auxiliadora Rodríguez, Hilema Suárez, Claudia Subieta, Yovana Pérez.

Quais são as nossas coordenadas políticas contra o que a idade denomina de binárias e não binárias no campo das sexualidades? O que a psicanálise tem a dizer sobre a orientação de Lacan? Se o amor implica a relação com o Outro, o que se pode rastrear em nosso tempo sobre esse vínculo, já que o inconsciente é da ordem do vínculo social, justamente porque não existe relação sexual, e é o amor que preenche essa impossível relação complementar entre os gozos?

Vamos explorar, então, primeiro, como esse paradigma trans que nos desafia é apresentado a nós.

Alguns marcos na construção do paradigma trans

*Cyborg Manifesto, O sonho irônico de uma linguagem comum para mulheres do circuito integrado. 1984*¹. Donna Haraway apresenta o que ela chama de blasfêmia: "No centro de minha fé irônica, minha blasfêmia é a imagem do ciborgue."² Os principais significantes desse movimento de emancipação são: a opressão do patriarcado heteronormativo e a possibilidade como tal.

Pouco depois, Leo Bersani e outros questionam as duas primeiras cartas de LGBT por homonormatizar a experiência homossexual em busca de leis que os protejam da perseguição a que são submetidos; Eles então admitem heteronormativizar sua posição homossexual. Mas, além disso, diz Bersani, eles se curvam à urgência de responder à questão sobre a sexualidade, pressupondo que a legitimidade de seu ser passa pelo reconhecimento legal. "(...) Repreendo os militantes gays por terem mentido nos últimos tempos, é precisamente porque parecem dispostos a enviar à população heterossexual a mensagem reconfortante de que existe uma "verdade" homossexual, que é igual a deles e perfeitamente falável (...) Em nossa sede de assimilação corremos o risco de esquecer o que sabemos talvez melhor do que ninguém: que o sexo é - que eu sou - um sujeito sem verdade"³. Em outras palavras, Bersani, em sua crítica, reintroduz a impossibilidade da relação absoluta de um sujeito com o significante.

¹ Haraway, D. y Talens, M., *Manifiesto Ciborg, El sueño irónico de un lenguaje común para las mujeres del circuito integrado*, https://xenero.webs.uvigo.es/profesorado/beatriz_suarez/ciborg.pdf

² *Ídem*.

³² Bersani, L., "¿El recto es una tumba?", *Cuadernos del litoral, École lacanienne de psychanalyse*, 1999, pp. 10-11.

O corpo como real é um problema para a dissidência sexual, a forma contemporânea e militante de nomear o conjunto de sujeitos em busca de um significante que dê conta de seu modo particular de gozo. Duas respostas emergem: uma do lado do corpo como objeto da tecnociência e da medicina; outra do lado do corpo como objeto da linguagem.

A primeira resposta é em relação ao corpo biológico: o ato transexual modifica a anatomia sob o pressuposto de que essa plataforma de gozo está com defeito. Outra forma análoga, embora diferente, é considerar o corpo como objeto tecnocientífico, em consonância com o que Haraway propõe a respeito do ciborgue: “O 'sexo' do ciborgue restaura um pouco do belo barroco reprodutivo das samambaias e invertebrados (magníficos profiláticos orgânicos contra a heterossexualidade). Sua reprodução orgânica não requer acoplamento”. Apresenta, assim, o que era ficção científica dos anos 80 do século pasado, e que hoje faz parte de uma indústria milionária de reprodução assistida, bem como um maquinário legislativo em torno da nova parentalidade. O mundo ciborgue sim era possível.

Donna propõe que o problema da sexualidade humana vem do capitalismo, cuja missão é oprimir o outro reconstruindo suas subjetividades: “De acordo com as tradições da ciência e da política ocidentais - tradições de um capitalismo racista e dominado pelos homens, do progresso, da apropriação da natureza como recurso para produções culturais, de autorreprodução, a partir das reflexões do outro, a relação entre máquina e organismo tem sido uma guerra de fronteira”⁴.

Do lado da resposta ao corpo como objeto da linguagem, surge o movimento *queer* alguns anos depois, para se opor aos significantes do outro heteronormativo ou homonormativo, ou de qualquer Outro, sendo estes os que denominam seu modo particular de desfrutar. Não há nada a dizer sobre o modo de gozo porque ele emerge performativamente em cada ato de prazer.

A posição *queer* chamada *punk*⁵, ou seja, militante e não rica o suficiente para encontrar uma saída no mercado, clama por uma teoria anti-relacional, um circuito fechado de descarga e gozo. Podemos pensar que é por isso que o discurso social tornou o *queer* tão na moda: é o estilo do mercado capitalista onde cada um anda livremente com o que lhe parece melhor. Também se assemelha ao discurso do politicamente correto, como aponta Miller em “*El Lugar y el lazo*”: “A epistemologia relativista se articula com uma ética essencialmente pluralizada, da qual se poderia dizer que cumpre a ordem evangélica:

“ não julgue ”(...) cada um com o seu *mental*”⁶.

Essa versão do discurso *queer* tornou-se a fluidez do gênero, uma posição que se pretende sem posição. Em qualquer caso, observemos que, no momento da realização

⁴ Haraway, D. y Talens, M., *op. cit*

⁵³ Muñoz, J. E., *Utopía queer. El entonces y allí de la futuridad anti normativa*, Caja negra, Buenos Aires, 2020, p. 18.

⁶⁴ Miller, J.-A., *El lugar y el lazo*, Paidós, Buenos Aires, 2013, p. 84.

do encontro com outro corpo ou máquina ou ferramenta no mercado, essa fluidez deve cessar para poder desfrutá-la.

No entanto, ainda há muito a se dizer sobre o projeto transumano em um momento em que a tecnociência aliada ao discurso universitário e capitalista vem articulando espaços de transformação anatômica como *packaging (embalagem)* da nova liberdade do sujeito⁷. A fronteira final é o corpo como real. São os prestigiosos complementos, aplicativos e *upgrades* possíveis (*atualizações*), não só como objetos concretos, mas também como lógica para a circulação do gozo.

Quando Preciado afirma que não há linguagem que explique o não binário⁸, ele se apóia justamente na transformação ilimitada para a qual um corpo deve ser conduzido: segundo esse critério, ele pode ser modificado ou desconstruído até se tornar um *Taylor made*. “Este corpo pode ser privado da palavra quando não se representa nenhum outro conhecimento senão aquele que pode ser obtido por imagens, como é o caso das neurociências”⁹, menciona Fabián Fajnwaks em seu tratado sobre a aversão à linguagem no século XXI. Em outras palavras, na medida que o discurso científico avança, o corpo é reduzido às suas funções biológicas e ao imaginário científico com que se pretende torná-lo transparente, não para poder dizer algo sobre a vida, como lembra Miller na *Biologia Lacaniana*¹⁰, mas para produzir novos objetos / mercadorias.

Aqui, a linguagem tem a função de dizer a verdade sobre como as coisas funcionam sob o comando da eficiência, do progresso, da felicidade e da liberdade, enquanto o amor se reduz a um emoji.

Por fim, surge uma nova teoria do *queer*: a *Utopia Queer*¹¹, que preconiza um retorno à nomeação não só como a forma de desfrutar de cada um, mas por meio de significantes que se vinculam a uma tradição de amor e cuidado, onde dissidentes sexuais conseguem se encontrar para construir uma história para si próprios.

A aparência amorosa do amor ao próximo elimina finalmente as questões cruciais do sexo, reduzindo o desejo à necessidade¹², em um esforço para sustentar a especulação narcisista, onde o suposto reconhecimento do outro requer o desconhecimento do abismo que os separa.

Política do corpo falante

⁷⁵ Dessel, G., *Inconsciente 3.0. Lo que hacemos con las tecnologías y lo que las tecnologías hacen con nosotros*. Versión ebook: Xoroi Edicions, 2019, p. 46.

⁸⁶ Preciado, P., *Yo soy el monstruo que os habla. Informe para una academia de psicoanalistas*, Anagrama, Barcelona, 2020, pp. 28-32.

⁹⁷ Fajnwaks, F., *Como vivimos hoy. Nuevos goces: el cuerpo y la aversión por el lenguaje en el siglo XXI*, Babel, Córdoba, 2015, p. 38.

¹⁰⁸ Miller, J.-A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, Paidós, Buenos Aires, 2011, p. 300.

¹¹⁹ MUÑOZ, J. E., *Utopía queer. El entonces y allí de la futuridad antinormativa*, op. cit, p. 22.

¹² Miller, J.-A., “El amor al prójimo, San Martín y Salomón”, <http://x-enapol.org/blog/portfolio-items/el-amor-al-projimo-san-martin-y-salomon/>

O inconsciente é política no sentido da fórmula lacaniana, "o inconsciente é o discurso do Outro". Ora, como Lacan formula em seu último ensinamento, o corpo é o Outro do significante, de modo que o inconsciente é o discurso do corpo, como expressou E. Laurent em entrevista a M. A. Vieira¹³. É um corpo falante não porque responde a alguma sabedoria da natureza, mas porque fala de acordo com uma modalidade de prazer originalmente causada pelo impacto da linguagem sobre ele. Uma cadeia discursiva emerge do Um do gozo, Um só, opaco e ignorado, que o sujeito tenta processar a partir de uma linguagem comum, na qual irrompem os significados pessoais que o marcaram. O discurso com o qual o sintoma se tece, delinea uma política e dela se alimenta; sendo que este corpo, cheio de afetos e paixões, tem como única referência o significante no real que deu origem à única identidade com que se conta: a identidade sintomática.

Portanto, a própria diferença sexual é um fato do discurso. Que a identidade sexual não existe, irrompe hoje. Os semblantes que outrora deram origem às identificações sexuais e, mal ou melhor, construíram a ficção de uma certa complementaridade sexual, revestindo o corpo, caíram. O paradigma trans que atravessa nosso tempo dá origem a novos sintomas que operam com essa falta de identidade sexual do corpo falante.

Como diz E. Laurent: "O órgão [fálico] só dá a ilusão de acessar o outro sexo ao deixar de ser um órgão para se tornar um significante, feito de discurso. Ele está inscrito na conversa sobre sexo que nos faz esquecer quão incomensuráveis são as alegrias dos lados masculino e feminino da sexuação. Um pode sonhar em estar localizado em um órgão, o outro não"¹⁴. Mas o transexual não considera o órgão como um significante, e passa por uma cirurgia; O homossexual também não, continua Laurent, embora permaneça no discurso sexual, o de dois, só que o faz por meio do amor, desqualificando o prestígio do falo e "quebrando o significante em letra"¹⁵.

O transexual ignora a realidade do fato de que não existe relação entre dois corpos que sentem prazer, fingindo que uma certa correção real do corpo permitiria registrar seu prazer como homem ou mulher. Exceto que o gozo feminino, em particular, carece de uma invariante que permita sua localização.

A paixão trans, por sua vez, não é essencialista, não é transexual, mas responde à ilusão do *self-made*, que tenta conciliar um modo de prazer com identidade de gênero ou mesmo nenhuma. Porém, como é possível, em alguns casos, chegar a um acordo, sabemos que o modo de prazer não varia em um sujeito dependendo de como ele é modelado ou nomeado, ou mesmo que rejeite uma nomeação sexual.

Observa-se aqui o predomínio do discurso universitário sobre o discurso do inconsciente, como aponta Miller: "Em suma, o exercício da desconstrução consistiria em mostrar que todos os nomes que identificam são semblantes, para poder dominar o

¹³ Laurent, E.; "El cuerpo hablante: El inconsciente y las marcas de nuestras experiencias de goce", <http://ampblog2006.blogspot.com/2016/05/el-cuerpo-hablante-el-inconsciente-y.html>

¹⁴ Laurent, E. "Biopolítica de la norma trans", <http://www.eol.org.ar/biblioteca/lacancotidiano/LC-cero-932.pdf>

¹⁵ Cf., Laurent. E.; *ídem*.

plus do gozo em nome desse saber, e obter como resultado, idealmente, um sujeito não identificado. Seria uma espécie de realização do discurso universitário”¹⁶.

O paradigma trans acentua assim a relação com o corpo que se tem, que é a relação que existe, enquanto que a relação com o Outro, onde o corpo se confronta com o ser, muitas vezes se reduz à identidade conquistada pelo pertencimento às comunidades que empreendem um luta de reivindicação em busca de reconhecimento social. O que, por outro lado, abre caminho para uma *yoicização* (*uma realização do eu*), que daria um ser ao corpo em detrimento da relação com outro corpo, que é o verdadeiro terreno onde o sujeito se confronta com a não relação, no plano do gozo, e com sua falta em ser, no plano do desejo.

Neste ponto, o desdobramento do amor estaria obstruído se pelo amor entendêssemos o que vem a compensar a ausência de uma medida comum de gozo entre os corpos, que é, ao mesmo tempo, revelada e amparada pela experiência amorosa quando é consentida.

Alguns dos representantes desse movimento, como Javier Sáez¹⁷ e seguidores, questionam a própria existência do amor, argumentando que a palavra se refere a uma experiência individual inconsistente, impossível de definir, que também serve ao capitalismo para manipular o sujeito; o amor seria então uma arma de controle social.

A partir disso, conclui-se que seria preferível excluir a própria palavra de nosso vocabulário. Ou seja, mudaria de "você não sabe o que é" e "costuma dizer coisas diferentes", para "se não pode ser definido, você não pode saber se existe", então seria melhor se não falássemos de amor. Afirma-se que o que existe, de qualquer maneira, é um encontro sexual. Ainda é surpreendente que a palavra amor seja rejeitada por inconsistente, uma vez que, de fato, a experiência do amor provoca uma divisão subjetiva que torna o ser sexuado inconsistente.

O amor pode ser diverso, mas confronta duas coisas: primeiro, uma experiência que tira o sujeito do auto-erotismo e da satisfação instintiva imediata, chocando o sentimento de unidade e individualidade; E, por implicar a relação com o Outro, confronta-se também com a impossibilidade de apropriação daquele outro que coloca o sujeito na dependência de um vínculo que, essencialmente, confirma a existência de uma alteridade radical, daí a dificuldade em defini-la, classifica-la ou substituir o objeto de amor por outro qualquer; aspecto que difere do desejo, que responde a uma causa, mas carece de um objeto. Em última análise, o amor é a experiência do Outro no Um, daí sua afinidade com o inconsciente.

Justamente por isso, se opõe ao valor de troca inerente ao mercado e é por ele utilizado, ao mesmo tempo, para seduzir o sujeito com a promessa de uma posse impossível, capaz de suturar a divisão subjetiva. É essa saturação que o capitalismo oferece que é contrária ao amor. Daí decorre que a experiência do amor exige também que o sujeito consinta nela, em sua divisão, em carência, o que nem sempre acontece, estando muitas

¹⁶ Miller, J.A.; Piezas *Sueltas*, Paidós, Buenos Aires, 2013, p. 413.

¹⁷ Sáez, J.; “El ‘amor’ como concepto moderno y no universal”, *Lo que no sabemos del amor*, debate online organizado por Mercedes de Francisco y Raffaele Pinto el 4 de junio de 2021, no publicado.

vezes à mercê do mercado que o aprisiona com as ofertas das novidades para atender o mesmo em um traje diferente.

O sintoma parceiro e amor

Quer dizer que a identidade do sujeito está perfurada e que seu sintoma, externo a ele na medida em que não há palavra que extinga um sentido pessoal que insiste, é o parceiro do sujeito por excelência, na medida em que é o mais estranho e o mais adequado ao gozo que o anima. Por isso, não há binarismo sexual para além do semblante, não há binarismo real, mas antes um encontro com uma alteridade que deu origem a um modo de gozo. Esse gozo, na medida em que é regido pela pulsão, diz respeito ao próprio corpo, mas também, na medida em que adquire sentido sexual, envolve o corpo do outro para alcançar uma satisfação que não cessa de ser escrita de uma vez por todas.

O amor é o fracasso do inconsciente, mostra Lacan no seminário 24¹⁸, o fracasso, porque a escolha responde ao erro inicial que não tem outro argumento senão a contingência de um encontro. Portanto, não há lei que o determine ou que lhe conceda garantias. É a neurose que gostaria que existissem, para assegurar assim um amor infinito que cure o real da alteridade insuperável do amado, razão pela qual ele é amado e às vezes também odiado.

Logo, quando o amor se instala, deve consentir no fracasso dessa satisfação absoluta com o outro corpo que se está relacionado, sendo radicalmente Outro. Isso lhe permite dizer a Lacan que um se arranja com seu sintoma, que é outro para ele, como se arranja com o parceiro sexual.

Embora o gozo seja autístico, e então não haja relação sexual, quando ocorre o encontro amoroso, o vínculo é intersintomático: o modo singular de gozo confere ao outro o estatuto de sintoma; é a presença de um corpo que, embora ligado ao mais íntimo, não é inteiramente próprio. É por isso que Lacan pode dizer que no amor se compartilha o exílio da relação sexual¹⁹, o que acontece quando duas solidões se acompanham.

¹⁸ Lacan, J., Seminario 24, “Lo no sabido que sabe de la una-equivocación se ampara en la morra”, 1976-1977, inédito.

¹⁹ Lacan, J., *El Seminario, Libro 20, Aun*, Paidós, Buenos Aires, 1992, pág. 174.